



**BÊNÇÃO DE PAZ**  
**CENTRO ESPÍRITA**



***PROBEM AVANÇADO***  
***Aula 17 – 29-09-2025***  
***Sílvia Regina Schiess***

Capítulo 16

Débito Aliviado

Adelino Correia, o irmão da fraternidade pura.

Trabalhador de um templo espírita cristão.

Tecia preciosos comentários do Evangelho inspirado por iluminados instrutores, falando com mestria e proporcionando emotividade profunda no mais íntimo dos ouvintes.

Homem de docilidade confiante, profundamente habituado à oração.



## Características físicas

Homem simples, humildemente trajado, denotando condição do trabalhador em experiências difíceis.

Revelava longa faixa de eczema na pele, cabeça, ouvidos, rosto, placas vermelhas com pequenas vesículas de sangue. Demais partes da epiderme gretadas evidenciando a afecção cutânea crônica.

Acanhado, tristonho, tormentos ocultos dominavam-lhe a mente. Olhos lúcidos e humildes.



Doce velhinha desencarnada roga socorro a Silas por Adelino, pelos incômodos e dores das feridas na pele, e porque pensa nas necessidades dos outros deixando de lado suas próprias necessidades.

Silas afirma que Adelino merece carinho e atenção, sendo assistido por dois médicos, quando desprendido do corpo durante o sono, e tranquilizando a velhinha, lhe diz que, em breve, estará plenamente recuperado.

**“Os múltiplos serviços da casa desdobravam-se, eficientes, e Adelino, dentro deles, atraía-nos a atenção pela segurança espiritual com que se conduzia. Cercado pelas vibrações radiantes dos seus pensamentos, centralizados no santo objetivo do bem, afigurava-se-nos um companheiro vestido de luz.”**

Espírito de simpático rapaz se aproxima em seguida, e também pede a Silas em favor de Adelino, rogando que não deixem em dificuldade quem tanto os auxilia. Mentalmente o jovem roga a ele proteção para sua mãe, em penúria para os tratamentos dos outros dois filhos enfermos, ao que Adelino dá-lhes o auxílio material, mesmo ele passando por dificuldades financeiras.

**“— Descansemos. Adelino permanece na rede de simpatia fraternal que teceu para o asilo de si mesmo. Incumbem-se muitos amigos de supri-lo com os recursos indispensáveis ao fiel desempenho da tarefa a que se dedicou. As circunstâncias na luta material harmonizar-se-ão em favor dele, atendendo-lhe aos méritos conquistados. Efetivamente, o serviço espontâneo na afetuosa defesa do amigo que ali enxergávamos, prestativo e confiante, era um tema de amizade e gratidão a estudar. — Dir-se-ia — observou Hilário, intrigado — que todos os tarefeiros, em trânsito nesta casa, são devedores do irmão sob nossa vista... — Sim — aprovou Silas, paciente —, os créditos de Adelino são realmente enormes, não obstante os débitos a que ainda está preso... Cultiva, no entanto, a ventura de substancializar a fé e o conhecimento superior que os Mensageiros de Jesus lhe confiam em obras de genuíno amor fraternal, a lhe granjearem larga soma de reconhecimento.”**

Silas recomenda a André e Hilário aproveitarem os minutos em atuação fraternal, no instituto evangélico ao qual visitavam em estudo, até que pudessem ter maior contato com Adelino, nessa encarnação, sob os cuidados da Mansão.

**“Em face da simpatia que Adelino despertava igualmente em nós, acercamo-nos dele, a fim de ofertar-lhe, de algum modo, o contingente de nossas forças, na movimentação dos passes magnéticos que passara agora a administrar, em favor de alguns enfermos. Era curioso pensar que nós mesmos, no primeiro encontro fortuito, nos sentíamos prontos a partilhar-lhe as tarefas, tão somente atraídos por sua irradiante bondade. A abnegação, em toda a parte, é sempre uma estrela sublime. Basta mostrar-se para que todos gravitemos em torno de sua luz.”**

Leontina (+ de 60 anos) – mãe de Adelino

No século XX

Em meados do século XIX

Adelino.....filho bastardo de Martim Gaspar e uma escrava  
Marisa – filha legítima.....Maria Emília esposa de Gaspar, madrasta  
Mario – filho adotivo.....capataz Antonio  
Raul – filho adotivo.....capataz Lucidio  
Bebê adotivo.....Martim Gaspar

No passado, Martim (Adelino) era filho bastardo de Martim Gaspar, jovem afazendado e rico, com uma escravizada que desencarnou no parto.

Martim Gaspar, de coração enrijecido, acostumado, desde cedo a orgulho tiranizante, pela incúria do lar onde nasceu. Abusava das jovens, gerando-lhes filhos e vendendo-as com os recém nascidos, esquivando-se de suas responsabilidades. Temido senhor na casa grande após a morte do pai, que tardiamente tentou controlar-lhe os instintos.

Para com o filho bastardo Martim (Adelino) cultivava amor e laços afetivos.

Aos 43 anos, decide casar-se com Maria Emilia, uma jovem leviana de 20 anos.

Maria Emilia e o enteado acabam por se envolver e, enciumado, Martim (Adelino), que tinha adoração pelo pai, passa a detestá-lo. Sob a concordância de Maria Emilia, e com cooperação de dois capatazes, Antonio e Lucídio, igualmente abusadores de meninas cativas, aproveitando-se do pai acamado por doença do fígado, administra-lhe poção que o faz dormir e, com auxílio dos dois homens, espalha substâncias resinosas no leito, simulando um incêndio e causando o desencarne do genitor com horríveis padecimentos.

O pai desencarnado, em cólera, envolve o filho em nuvens de fluidos inflamados, os quais não podia defender-se.

Martim apega-se ao afeto de Maria Emilia, buscando anestesiá-la a consciência e esquecer.

Confia a fazenda aos cuidados dos dois capatazes e parte com a mulher para a Europa, em busca de repouso e distração.

Após cinco anos, sente-se vencido pelo jugo do pai. A pele se abre em chagas que requeimavam-lhe.

**Circunscrito ao leito de dor e constantemente empolgado pelo remorso, recapitulava mentalmente a morte do genitor, em urros de martírio selvagem... Não sabia, desse modo, senão chorar, gritando a esmo o arrependimento de que se via possuído, no que foi interpretado à conta de louco pela própria companheira, que se dava pressa em reconhecer-lhe a suposta alienação mental, de modo a inocentar-se perante os amigos e servidores. Foi algemado a semelhante suplício que Martim recebeu escárnio e abandono, dentro do próprio círculo doméstico, vindo a expirar em tremenda flagelação. Martim Gaspar, o genitor assassinado, aguardou-o no túmulo, arrastando-o para as sombras infernais, onde passou a exercer pavorosa vingança... O desditoso filho desencarnado sofreu terríveis humilhações e indescritíveis tormentos, durante onze anos sucessivos, em cárceres de treva, até que, amparado por Mensageiros de Jesus, que, lhe promoveram o resgate, ingressou em nosso instituto, ao que fui informado, em lamentável situação.**

**Tendo entrado em sintonia com o genitor, sequioso de vindita, através das brechas mentais do remorso e do arrependimento tardio, foi hipnotizado por gênios perversos, que o fizeram sentir-se dominado de chamas torturantes. Fixada a imaginação dele em semelhante quadro de angústia, o próprio Martim nutria com o pensamento culposos as labaredas em que se torturava sem consumir-se, até que foi convenientemente aliviado e socorrido por nossos instrutores, através de recursos magnéticos que lhe sanaram o doloroso desequilíbrio. Devotou-se, então, depois de melhorado, aos serviços mais duros de nossa organização, conquistando com o tempo apreciáveis lauréis que lhe valeram a volta à esfera humana, com o direito de iniciar o pagamento da larga dívida em que se onerou, desavisado.**

**Cultuando a prece com a renovação do mundo íntimo, renasceu de espírito inclinado à fé religiosa, ardente e operante, encontrando no Espiritismo com Jesus, ao influxo dos amigos desencarnados que o assistem, precioso campo de fortalecimento moral e trabalho digno, no qual tem sabido estender, com louvável aproveitamento das horas, o seu raio de ação no estudo edificante e na caridade pura, atraindo em seu favor as mais amplas simpatias, por parte de irmãos encarnados e desencarnados, que lhe devem generosidade e carinho. Atirado a imensas dificuldades materiais, desde cedo cresceu órfão de pai, de vez que não valorizou no passado a ternura paterna, lutando com extrema pobreza e com enfermidade constante...**

Custodiado, porém, por benfeitores da nossa Mansão, foi conduzido a um templo espírita, ainda muito jovem, onde, submetido a tratamento da epiderme esfogueada, entrou no conhecimento de nossa Renovadora Doutrina... A leitura dos princípios espíritas, ao sol do Evangelho do Senhor, constituiu para ele recordações naturais dos ensinamentos assimilados em nossa casa, antes da reencarnação. Desde aí, aceitou nobremente a responsabilidade de viver e buscou, acima de tudo, aplicar a si próprio as diretrizes regeneradoras da fé que abraça. Disciplinou-se. Rendeu sincero preito às suas obrigações e, não obstante os entraves orgânicos, muito moço se dedicou às representações comerciais, de cujos labores retira os abençoados recursos que sabe repartir com necessitados numerosos, reservando para si tão somente o indispensável. Não é um rico da Terra, na acepção do conceito, mas um trabalhador da fraternidade que sabe dar o próprio coração naquilo que distribui. Trilhando o caminho da simplicidade e da renúncia edificante, modificou as impressões de muitos dos companheiros de outro tempo, que, nas baixas camadas da sombra, se lhe haviam transformado em perseguidores e desafetos, obsessores esses que, em lhe observando os exemplos novos, se sentiam moralmente desarmados para os conflitos que se propunham manter. É assim que não deixa de ressarcir as suas culpas, sofrendo-lhes o gravame em si mesmo. Entretanto, pelos valores que entesoura, devotado ao bem alheio, resgata o pretérito com o alívio possível, ganhando tempo e adquirindo novas bênçãos. Ajudando aos outros, desbasta, dia a dia, o montante dos seus débitos, de vez que a Misericórdia do Pai Celestial permite que os nossos credores atenuem o rigor da cobrança, sempre que nos vejam oferecendo ao próximo necessitado aquilo que lhes devemos...

**Esta lição viva ilumina-nos de esperança... Como se explica estar Adelino ganhando tempo? Nosso amigo sorriu e acrescentou: — Correia, que não merecia a ventura. do lar tranquilo por haver arruinado o lar paterno, casou-se e padeceu o abandono da companheira que lhe não entendeu o coração. Avançando para a terna Marisa que dormia, acentuou: — Assim, pela vida útil a que se consagra e pela caridade incessante que passou a exercer, atraiu para junto de si, como filha da sua carne, a antiga madrasta que desviou dos braços paternos, hoje reencarnada junto dele para reeducar-se ao calor de seus exemplos nobres, guardando a dor de saber-se filha de pobre mulher que renegou o tálamo conjugal, tanto quanto ela mesma o menosprezou no passado recente. Mas... não é apenas essa a vantagem de Adelino... Dedicando-se de alma e corpo à sua renovação com o Cristo, nosso amigo recolheu como filhos adotivos os dois cúmplices do parricídio tremendo, os antigos capatazes Antônio e Lucídio, que, abusando de humildes donzelas escravizadas, de quem furtavam os filhinhos para exterminar ou vender, não encontraram senão o alcoice por berço, vindo para o círculo afetivo do companheiro de outro tempo, no sangue africano que tanto enxovalharam, de modo a lhe receberem o amparo moral à reforma precisa.**

— Como é fácil de reconhecer, nosso irmão, através da responsabilidade espírita-cristã, corretamente sentida e vivida, conquistou a felicidade de reencontrar os laços do pretérito criminoso para o necessário reajuste, ao passo que, se houvesse desertado da luta pela irreflexão da companheira ou se tivesse cerrado a porta do coração a dois meninos infelizes, teria adiado para futuros séculos o nobre trabalho que está fazendo agora...

— Ainda pela utilidade que sabe imprimir aos seus dias, Adelino mereceu a limitação da enfermidade congênita de que é portador. Tendo sofrido, por longo tempo, o trauma perispirítico do remorso, por haver incendiado o corpo do próprio pai, nutriu em si mesmo estranhas labaredas mentais que, como já lhes disse, o castigaram intensamente além-túmulo... Renasceu, por isso, com a epiderme atormentada por vibrações calcinantes que, desde cedo, se lhe expressaram na nova forma física por eczema de mau caráter... Semelhante moléstia, em face da dívida em que se empenhou, deveria cobrir-lhe todo o corpo, durante muitos e angustiosos lustros de sofrimento, mas, pelos méritos que ele vai adquirindo, a enfermidade não tomou proporções que o impeçam de aprender e trabalhar, porquanto granjeou a ventura de continuar a servir, pelo seu impulso espontâneo na plantação constante do bem.

De volta à Mansão, Silas tece comentários a respeito do “amor que cobre a multidão dos pecados”

Hilário indaga sobre a situação de Martim Gaspar e se o mesmo terá ciência sobre o trabalho renovador de Adelino.

**— Martim Gaspar — respondeu por fim o interlocutor —, infatigável que era na violência, foi igualmente tocado pelos exemplos de nosso amigo. Observando-lhe a transformação, abandonou as companhias indesejáveis a que se adaptara e rogou asilo, em nosso instituto, vai para alguns anos, onde aceitou severas disciplinas...**

Hilário, insistente, ainda questiona onde se encontra Gaspar e se lhes será possível vê-lo e observar seus avanços, ao que Silas o acalma, afirmando retornar ao assunto em breves horas.

No dia seguinte, porém, grata surpresa visitou-nos o coração. Quando o relógio anunciou alta noite na extensa faixa planetária em que se mantinha o nosso domicílio, o Assistente veio buscar-nos, prestimoso. Demandaríamos à esfera carnal, mas, naquela hora, em companhia de Druso, o orientador da instituição. Regozijamo-nos, embora curiosos. Era a primeira vez que viajaríamos junto ao grande mentor que nos conquistara a mais ampla reverência. E, se é verdade que o privilégio nos alegrava, ao mesmo tempo indagávamos do motivo pelo qual se ausentaria ele da casa que não lhe dispensava a presença. Entretanto, não houve oportunidade para longas divagações. Em companhia de Druso, que se fazia seguir por Silas, por duas das irmãs altamente responsáveis em serviços da Mansão e por nós outros, utilizamo-nos do meio mais rápido para a excursão, cujo objetivo desconhecíamos, porquanto a maior autoridade nos trabalhos normais do instituto decerto não disporia de tempo para uma viagem que não fosse a mais curta possível. Grande era o meu desejo de provocar o verbo do Assistente para a conversação educativa em torno do problema que abordáramos na noite anterior; todavia, a presença de Druso como que nos inibia a disposição de ferir qualquer tema que não partisse dele mesmo, cuja dignidade não nos privava da expressão livre, mas nos infundia incoercível respeito.

Foi assim que no trajeto ligeiro lhe ouvimos a conceituação oportuna e sábia, em torno de múltiplas questões de justiça e trabalho, admirando-lhe, cada vez mais, a cultura e a benevolência. Espantado, no entanto, reconheci que a nossa equipe estacionou à porta do lar de Adelino, que deixáramos na véspera. Dois auxiliares que conhecíamos de perto esperavam-nos no limiar. Depois de recíprocas saudações, um deles avançou para Druso e anunciou, reverente: — Diretor, o pequenino recém-nato estará conosco, dentro de meia hora. O grande mentor agradeceu e convidou-nos a acompanhá-lo. Na paisagem doméstica que nos era familiar, o relógio marcava duas horas e vinte minutos da madrugada. Atônitos, seguimos o orientador que tomara a vanguarda, penetrando o aposento em que Adelino, ao que nos foi permitido supor, começava a dormir. Druso acariciou-lhe a fronte por momentos e vimos Correia erguer-se do corpo de carne, qual se fora movido por alavancas magnéticas poderosas, caindo nos braços do grande orientador, à maneira de criança enternecida e feliz. — Meu amigo — disse-lhe Druso, entre grave e terno —, chegou a hora do reencontro... Correia começou a chorar, aterrorizado, sem conseguir desenfaiçar-se-lhe dos braços acolhedores.

Oremos juntos — acrescentou o bondoso amigo. E, levantando os olhos para o Alto, sob nossa profunda atenção, Druso suplicou: — *“Deus de Bondade, Pai de Infinito Amor, que criaste o tempo como incansável guardião de nossas almas destinadas ao Teu seio, fortalece-nos para a renovação necessária!... “Tu, que nos conheces os crimes e deserções, concede-nos a bênção das dores e das horas para redimi-los, unge-nos com o entendimento de Tuas leis, para que não repilamos as oportunidades do resgate! «Emprestaste-nos os tesouros do trabalho e do Sofrimento, como favores de Tua misericórdia, para que nos consagremos à reabilitação dolorosa, mas justa...*

*«Nós, os prisioneiros da culpa, somos também operários de nossa libertação, ao bafejo de Teu carinho. «O Pai, infunde-nos coragem para que nossas fraquezas sejam esquecidas, inflama em nosso espírito o entusiasmo santo do bem, para que o mal não nos apague os bons propósitos, e conduze-nos pelo carreiro da renúncia para que a nossa memória não se aparte de Ti!... «Que possamos orar como Jesus, o Divino Mestre que nos enviaste aos corações, a fim de que nos rendamos, de todo, aos Teus desígnios!...»* Depois de leve pausa, repetiu em pranto a prece dominical

Quando a sua voz emudeceu, profunda emotividade exercia sobre nós inexpressável domínio. Reconduzido ao veículo carnal, Adelino acordou em copiosas lágrimas... Reconhecia-se-lhe o júbilo íntimo, se bem não pudesse guardar a consciência integral da comunhão conosco. Findos alguns minutos de expectativa, que transcorreram céleres, escutamos lá fora o choro convulso de uma criança tenra... Enlaçado por Druso, o dono da casa ausentou-se do leito e, incontinenti, abriu a porta que comunicava o interior com a calçada externa, em cujas lajes, vigiado por amigos da Mansão, pobre recém-nato vagia aflitivamente. Tomado de surpresa, Correia ajoelhou-se, enquanto o grande orientador lhe dizia com segurança: — Adelino, eis o pai ofendido que, enfeitado pelo coração materno que ainda não mereceu, vem ao encontro do filho regenerado! Correia não lhe ouviu a palavra, na acústica da carne, mas registrou-a no templo mental, como apelo do amor celeste que lhe trazia ao coração mais uma criança abandonada e infeliz... Tomado de alegria, para ele inexplicável, abraçou o pequerrucho com espontâneo gesto de amor e, após conchegá-lo de encontro ao peito, voltou para dentro, gritando jubiloso: — Meu filho!... meu filho!...

**Silas, entre Hilário e eu, comunicou-nos, emocionado: - Martim Gaspar retorna à experiência física, asilando-se nos braços do filho que o desprezou. Não tivemos, contudo, qualquer ensejo a mais dilatada conversação. Druso, enxugando as lágrimas, advertiu-nos em voz alta, qual se estivesse falando para si mesmo: — Oxalá, quando estivermos de novo em pleno nevoeiro da carne, possamos, também nós, abrir o coração ao excelso amor de Jesus, para que não venhamos a falir nas provas necessárias!... E havia tanto recolhimento e tanta angústia naquele olhar que nos habituara ao mais doce enternecimento e ao mais profundo respeito que, de volta à Mansão, nenhum de nós ousou quebrar-lhe o doloroso e expressivo silêncio.**

LIVRO O CÉU E O INFERNO  
CAPÍTULO VII - AS PENAS FUTURAS  
CÓDIGO PENAL DA VIDA FUTURA

**12o ) Não há regra absoluta nem uniforme quanto à natureza e duração do castigo; a única lei geral é que toda falta terá punição e todo ato meritório será recompensado, segundo o seu valor.**

**13o ) A duração do castigo está subordinada à melhoria do Espírito culpado. Nenhuma condenação por tempo determinado lhe é prescrita. O que Deus exige para pôr termo aos sofrimentos é um melhoramento sério, efetivo, sincero, de volta ao bem. Deste modo, o Espírito é sempre o árbitro da própria sorte, podendo prolongar os sofrimentos pela persistência no mal, ou suavizá-los e abreviá-los pela prática do bem.**

O LIVRO DOS ESPÍRITOS  
PARTE QUARTA  
CAPÍTULO II – DAS PENAS E GOZOS FUTUROS

**1000. Já desde esta vida poderemos ir resgatando as nossas faltas? “Sim, reparando-as. Mas, não creiais que as resgateis mediante algumas privações pueris, ou distribuindo em esmolas o que possuídes, depois que morrerdes, quando de nada mais precisais. Deus não dá valor a um arrependimento estéril, sempre fácil e que apenas custa o esforço de bater no peito. A perda de um dedo mínimo, quando se esteja prestando um serviço, apaga mais faltas do que o suplício da carne suportado durante anos, com objetivo exclusivamente pessoal.”**